



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL  
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA  
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS  
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

**ALYSSON SANTOS DE JESUS**

**ESTEREÓTIPO DE GÊNERO NA INFÂNCIA:  
O QUE AS FAMÍLIAS TÊM A DIZER, EM SANTO ANTÔNIO DE JESUS**

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2019**

**ALYSSON SANTOS DE JESUS**

**ESTEREÓTIPO DE GÊNERO NA INFÂNCIA:  
O QUE AS FAMILIAS TÊM A DIZER, EM SANTO ANTÔNIO DE JESUS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Márcio André de Oliveira Santos.

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2019**

**ALYSSON SANTOS DE JESUS**

**ESTEREÓTIPO DE GÊNERO NA INFÂNCIA:  
O QUE AS FAMILIAS TÊM A DIZER, EM SANTO ANTÔNIO DE JESUS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Aprovado em: 08/04/2019.

**BANCA EXAMINADORA**

**Prof. Dr. Márcio André de Oliveira Santos**

Orientador - Universidade da Integração Internacional de Lusofonia Afro-Brasileira

**Profa. Dra. Caterina Alessandra Rea**

Membro 1 - Universidade da Integração Internacional de Lusofonia Afro-Brasileira

**Profa. Dra. Míghian Danae Ferreira Nunes**

Membro 2 - Universidade da Integração Internacional de Lusofonia Afro-Brasileira

*“Algumas pessoas têm sido cruéis. Se eu disser que eu quero crescer como uma atriz, eles olham para a minha figura. Se eu disser que gostaria de desenvolver, a aprender a minha embarcação, eles riem. De alguma forma eles não esperam que eu leve a sério o meu trabalho.”*

*MARILYN MONROE*

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>6</b>
<b>2</b>	<b>PROBLEMA.....</b>	<b>8</b>
<b>3</b>	<b>JUSTIFICATIVA.....</b>	<b>9</b>
<b>4</b>	<b>OBJETIVO GERAL.....</b>	<b>10</b>
4.1	OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	10
<b>5</b>	<b>OS ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO.....</b>	<b>11</b>
<b>6</b>	<b>DESIGNAÇÕES A PARTIR DO SEXO BIOLÓGICO.....</b>	<b>13</b>
<b>7</b>	<b>GÊNERO, SEXO E PATRIARCADO.....</b>	<b>15</b>
<b>8</b>	<b>EDUCAÇÃO FAMILIAR E REPRODUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS A CRIANÇAS.....</b>	<b>17</b>
<b>9</b>	<b>A DESIGUALDADE BRASILEIRA ENTENDIDA ATRAVÉS DO GÊNERO....</b>	<b>20</b>
<b>10</b>	<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>23</b>
<b>11</b>	<b>CRONOGRAMA.....</b>	<b>24</b>
11.1	EXECUÇÃO DO PROJETO DE PESQUISA.....	24
11.2	EXECUÇÃO DA PESQUISA.....	24
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>26</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Busca-se com essa pesquisa responder o seguinte problema: existe um modo de desconstruir socialmente a heteronormatividade partindo da intervenção nas bases familiares e escolas visando a igualdade de gênero e diminuição de embates? Tem como objetivo viabilizar o entendimento de como os estereótipos de gênero podem influenciar negativamente no percurso da infância à fase adulta e de quais formas se torna a vilã dos crescentes índices de desigualdade e violências em geral. As definições de estereótipo de gênero trazido por Cook e Cusack, remete a uma construção social que define espaços a serem ocupados e que estão vinculadas aos membros de um determinado grupo social. Neste sentido é uma generalização que relaciona atributos a determinadas características como: identidade racial, sexo, idade, sexualidade, profissão, nacionalidade, e etc.

Baseado em rotulações e pré-julgamentos que marcam e definem um indivíduo de um determinado grupo social, o estereótipo na maioria das vezes traz estigmas e definições negativas que podem surtir danos na vida individual de cada ser que sofre com a padronização, assim formando uma base sólida de preconceitos e moldes portanto, todo e qualquer indivíduo que se distancie do que a sociedade ou determinado grupo considera como aceitável ou não, de forma gradativa pode sofrer com a coerção e violências em geral. Estereótipos e preconceitos podem se expressar por meios de piadas, antipatias, humilhações, insultos verbais ou gestuais, chegando inclusive a reações mais hostis. É comum um estereótipo induzir a primeira impressão de alguém sobre o outro, causando o mau contato entre os indivíduos, de tal modo a experiência de interação social se restrinja ao preconceito previamente estabelecido, reproduzindo-o e perpetuando a padronização e a marginalização de determinados indivíduos e grupos.

Um exemplo de estereótipo é aquele que determina os papéis comportamentais e características de gênero. Desde a infância, os estereótipos são reproduzidos na diferença de criação entre meninos e meninas. Essa relação de educação familiar e baseados ao gênero, pode causar restrição. Mesmo que de modo inocente e por terem pouca capacidade de analisar que todas as rotulações escondem uma base de preconceitos, crianças estão fadadas a lidar e viver de determinado modo, podendo se refletir negativamente até a fase adulta.

Cores, brinquedos e modos cercam o dia a dia de milhares de crianças, orientadores buscando educar, tendem a pré-definir o futuro dos seus filhos, mesmo que de forma singela determinar a cor azul e um carro para garotos, rosa e bonecas para meninas traz à tona resquícios da estrutura de base familiar patriarcal. Claramente com toda padronização, ambos os sexos sofrem e tendem a ter dificuldades de interação, assim como facilidade a construir e disseminar preconceitos, porém analisando de certo ponto, a margem de liberdade mesmo que de forma maléfica, é dada ao público masculino, e isso justifica e diz muito sobre o machismo.

Entretanto, os estereótipos estão ligados a diversas esferas, um exemplo são os padrões de beleza que estão interligados a ideia de classe dominante e que constrói e diz muito sobre o racismo e a valorização dos padrões ocidentais, tendo como parâmetro ideias tais como: a cor branca como símbolo de valorização e símbolo universal de poder. Portanto, é possível notar que no mundo globalizado, o estereótipo padroniza os corpos e pode ocasionar uma série de obsessões e frustrações individuais, causando uma infinidade de calamidades como a homofobia, misoginia, machismo e até extinção de vidas.

## **2 PROBLEMA**

Partindo do que é observado no cenário brasileiro de desigualdade de gênero, e levando em consideração os crescentes atos de machismo e excessivos índices de violência contra a mulher e a pessoas não heterossexuais, a presente pesquisa reúne vários aspectos coletados no intuito de responder ao problema de pesquisa: existe um modo de desconstruir socialmente a heteronormatividade partindo da intervenção nas bases familiares e escolas visando a igualdade de gênero e diminuição de embates?

### 3 JUSTIFICATIVA

Essa pesquisa se justifica de início a partir da análise dos estereótipos de gênero e a heteronormatividade juntamente com suas padronizações. Assim, busco analisar e associar os altos índices de reprodução de pensamento derivados dos orientadores aos crescentes cenários de desigualdade de gênero. É de suma importância entender como a estruturação da sociedade é feita e como ela pode ocasionar a desigualdade e invisibilidade. O recorte escolhido foi limitado a cidade de Santo Antônio de Jesus – BA, inicialmente houve o interesse pela localidade por questões de infraestrutura, pois apesar de se configurar como uma cidade do interior, contém uma grande população e um bom fluxo de renda.

Desta forma, o mercado de trabalho da cidade se tornou inspiração para a construção da pesquisa, foi observado que nos postos de trabalho havia algumas padronizações, como por exemplo, mulheres assumindo funções de estética e zelo, além de estarem presente de forma majoritária no atendimento do comércio de joias, calçados. Por outro lado, os homens ocupavam as funções de comando e administração dos comércios, a presença na função de atendimento era baixa, a partir da indagação desses moldes, houve a necessidade de estudar como se dá essa organização, busco analisar a infância por se tratar de uma fase de formação de ideias e orientação de crianças, direcionando a busca aos orientadores visando de qual forma eles podem influenciar na formação crítica dos orientandos.

## 4 OBJETIVO GERAL

O presente trabalho tem como objetivo geral analisar de que forma o estereótipo de gênero na infância pode vir a ser um dos principais causadores da ausência de igualdade de gênero e como este pode acarretar e fortalecer o machismo na cidade de Santo Antônio de Jesus – BA.

### 4.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Analisar de qual maneira o estereótipo de gênero na infância contribui para a reprodução de comportamentos, atos, ideias, e como essas ações contribuem para reprodução social das desigualdades.
- Teorizar sobre gênero, sexo, patriarcado e mercado de trabalho, compreendendo como estes estão interligados e por quais fatores.
- Associar os crescentes cenários de violência contra a mulher, homofobia e misoginia ao estereótipo e a heterossexualidade como requisito a aceitação na sociedade.

## 5 OS ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO

O estereótipo é formado a partir de visões prévias que determinam ou instruem a um reconhecimento a um grupo específico. Os estereótipos são construídos e sustentados a partir de características sexuais, biológicas e sociais que contrastem com as normas dominantes. Desta forma, são compostos por designações comportamentais e espaciais, capazes de promover a inferiorização entre gêneros, desigualdades e violências em geral.

Estas rotulações causam diversos danos aos indivíduos. Frustram projetos pessoais e as relações sociais entre as pessoas na sociedade, já que de certa forma, o reconhecimento e aceitação por parte do meio ainda é um empecilho, já que os valores biológicos que definem o que é ser homem ou mulher falam mais alto que as circunstâncias. Por meio da variação de tempo e de lugar os estereótipos se renovam e tendem a ser cada vez mais moldados, assim garantindo a sustentação de mais séries de rotulações. Dentro das bases da sociedade a valorização e reconhecimento do ser biológico trouxe amarras capazes de ampliar espaços e diminuir para certos indivíduos. Desde o princípio da história de nossa sociedade a mulher é colocada como em situação de subordinação ao homem, obediência e submissão. Essa relação de poder entre homem e mulher, onde o masculino representa a figura de poder é repassada de geração em geração formando uma cultura de dominação sobre as mulheres, elevando-os a se reconhecer como proprietários e de direitos sobre o corpo, suas atitudes, sexualidade, e vida da mulheres.

Segundo Drumont (1980, p. 81), “o machismo é definido como um sistema de representações simbólicas, que mistifica as relações de exploração, de dominação, de sujeição entre o homem e a mulher”. Essa dominação e controle sobre a mulher leva ao homem quando contrariado achar-se no direito de fazer uso da violência para obter o que lhe é de vontade. Assim a contemplação de um determinado sexo biológico tende a definir o local de cada indivíduo, atribuindo-o com designações, taxatividades e dotações de espaço ou margem de liberdade, essas influenciam diretamente na vida social e contempla as demais esferas como o mercado de trabalho e a política. Dentre as padronizações e invisibilidades de gênero é necessário elencar definições de categorias de estereótipos trazidos por Cook e Cusack:

- a) Estereótipos de sexo: baseados em características físicas e biológicas entre homem e mulher, nesse estereótipo as mulheres são vistas como o

sexo frágil e inferior e que devem estar sujeitas a subordinação perante ao sexo masculino.

- b) Estereótipos de sexualidade: parte dos princípios heteronormativos fundados na atração entre homem e mulher, onde os espaços são planejados para os únicos gêneros citados, assim os demais necessitariam de um reconhecimento para estar inserido no todo, já que ser homem e mulher são reconhecidos como condição normal do ser humano.
- c) Estereótipos de papéis sexuais: define comportamentos baseados nos valores biológicos, assim trazendo a predefinição do que é de homem e da mulher como uma conduta mais “apropriada” ao sexo que cada indivíduo ocupa.
- d) Estereótipos compostos: é a conjunção de estereótipos de gênero com outros como raça, classe social, idade e religião, estes capazes de agravar mais ainda a atuação de padronizações e opressões.

Partindo do pressuposto que o sexo masculino tem dominância sobre o feminino, logo podemos observar as posições numa pirâmide, onde homens estão no topo enquanto mulheres fazem parte da base e ocupam em sentido real os papéis subalternizados, a busca de poder e voz por parte do sexo masculino promove a invisibilidade e limitação do sexo feminino.

É como se o sentido real da existência feminina fosse a procriação, assim não deixando margem de liberdade para decidir qual rumo uma mulher deve dar ao seu próprio corpo, a decisão de não ter filhos e não constituir uma base familiar parece assustadora aos olhos dos que enxergam as rotulações como leis a serem seguidas, porém questionadas e combatidas.

## 6 DESIGNAÇÕES A PARTIR DO SEXO BIOLÓGICO

Necessita-se compreender a distinção de sexo biológico e gênero, ainda é um caso que promove discussões, visto que o não conhecimento ou aceitação de tais fatores tende a promover uma série de distinções na esfera social e possivelmente em outras esferas interligadas a sociedade.

Conceituando, a problemática das definições faz referência somente às características biológicas de cada indivíduo. Desta forma, a mulher possui vagina, ovários e cromossomos XX; o homem possui pênis, testículos e cromossomos XY. A partir da análise biológica de ambos os sexos é notável a proliferação de crescimento de dados genéticos que simplesmente tem o poder de aferir a resistência de cada sexo e assim denominar um superior e outro inferior. (**Gênero x Sexo biológico, Jornalnh, 27.05.2019**)

Sexo frágil ou inferiorizado serve para caracterizar mulheres como um todo, a fragilidade vista do campo machista promove a distinção entre os sexos. Designar que um sexo é inferior é afirmar que há um superior, este dotado de capacidades físicas e mais conhecido como valente e capaz, o sexo masculino. Enquanto o taxado como inferior ocupa o papel de incapacidade física e inclusive psicológica, já que para algumas ideias sociais, um homem terá melhor desempenho para lidar com diversas situações.

Entretanto, partindo da perspectiva de que o sexo feminino é reconhecidamente por alguns como o sexo fragilizado, este é fisiologicamente e geneticamente capaz de gerar filhos e possivelmente aguentar todas as dores de um parto, além de gestar uma criança por 9 meses, lembrando que esta criança pode ser do sexo masculino como do sexo feminino, mas se a mulher exerce um papel de inferioridade e subalternização, como ela é capaz de gerar um ser que é designado como superior? É um tanto confuso!

Bases machistas foram e ainda são capazes de influenciar e modificar o meio, baseado em fatores biológicos, criou-se a forte ideia de superioridade, assim homens exercem o poder em qualquer circunstância. No processo de formação de família, inclusive esta baseada nos moldes da estrutura patriarcal, formam lugares específicos para cada ser, dentre as principais imposições ao sexo feminino é a constituição de um casamento com o sexo oposto, fortalecendo a ideia da mulher como ser vinculado a ser esposa, mãe e cuidar do lar.

papéis seriam, basicamente padrões ou regras arbitrárias que uma sociedade estabelece para seus membros e que definem seus comportamentos, suas roupas, seus modos de se relacionar ou de se portar... Através do aprendizado de papéis, cada um/adeveria conhecer o que é considerado adequado (e inadequado) para um homem ou para uma mulher numa determinada sociedade, e responder a essas expectativas. (Louro, 1997; 28)

Baseado nisso, pode-se perceber o quanto a sociedade pode ser determinante de fatores sociais, são vínculos e estereótipos que são criados pelo meio, e desta forma, cada indivíduo para fazer parte deste todo deve arcar com todos os moldes e predefinições, vinculada a ideia de meio e modo de sobrevivência a sociedade passa a exercer um papel de opressão perante os indivíduos. Opressões suscintas como a imposição da cor azul para meninos e rosa para meninas, partem da proposta de "educação familiar", assim educar seria mais um meio reprodutivo de desigualdades, e o que nos custa a saber é até que ponto instruir uma criança numa base familiar pode ser benéfico, alguns fatores como comportamentos e ideias de pais no sentido geral tende a ocasionar uma série de padrões e estereótipos que por sua vez possivelmente serão reproduzidos pelos filhos.

Em sentido amplo, limitar ou construir o pensamento crítico de mundo para alguém é arriscado, nenhum indivíduo por mais que tenha coincidência de ideias com outros estará em comunhão de pensamentos e modos, pois a análise de espaço, de sociedade é de modo individual, logo ideias são acrescidas e formuladas, estas não necessariamente estarão de acordo com a visão dos demais. A construção dos gêneros e das sexualidades dá-se através de inúmeras aprendizagens e práticas, presentes em distintas situações, representada de modo explícito ou implícito e sustentada por conjunções de instâncias sociais e culturais. Alguns ambientes pela influência direta à indivíduos são capazes de auxiliar na promoção e distinção dos gêneros, exemplos como escola e religião são fortes influenciadores.

## 7 GÊNERO, SEXO E PATRIARCADO

O patriarcalismo possui fortes características de domínio e autoridade, com finalidade de influenciar na estrutura de sociedade e à mulheres e filhos, colocando-os em papéis de subordinação. O sistema patriarcal por ora adotado em diversas civilizações não era o único, havia o sistema matriarcal, porém com pouca influência, pois a base da sociedade está projetada restritamente para dar soberania a seres do sexo masculino. A partir do propósito de dominação o sexo feminino passou a ser objeto de contenção e subordinação feminina, em detrimento ao capitalismo, homens sempre foram a base de tudo enquanto isso não havia espaço para o reconhecimento do gênero feminino, já que toda estrutura era basicamente unilateral.

Em relação a seus sinônimos “dominação masculina” e “opressão de mulheres”, ele apresenta duas características: por um lado, designa, no espírito daqueles que o utilizam, um sistema e não relações de indivíduos ou um estado de espírito; por outro lado, em sua argumentação, as feministas opuseram “patriarcado” e “capitalismo” – o primeiro é diferente do segundo, um não se reduz ao outro. (DELPHY, Christine. Patriarcado “teoria do”. In HIRATA, H.et al. org)

Na formulação patriarcado existe uma forte divisão sexual do trabalho e uma grande segregação social, em geral, com as mulheres limitadas ao mundo doméstico e os homens fazendo parte da construção e manutenção do mundo público. Essa forma de distinção fornece ao homem o controle da renda da família e das propriedades, assim se tornando o sujeito das decisões de mulheres e filhos. O patriarcalismo apesar de ter se formado em épocas diferentes ao capitalismo, integra o fortalecimento de homens e sua hegemonia, baseada na distinção de papéis sexuais que se alarga ao mercado de trabalho, promovendo a invisibilidade de mulheres e a diminuição de espaços por conta do gênero.

O feminismo surge a partir da necessidade de desconstruir esse poder de dominação e opressão de mulheres, com base na defesa e incentivos a promoção de igualdade, buscam por meio de movimentos políticos, ideologias e filosofias obter direitos suficientes para suprir suas necessidades e se desvincularem do forte sistema patriarcal, assim com o passar do tempo e com as grandes lutas de reivindicação, houve avanços que refletiram a obtenção de direito à educação, voto, contrato, propriedade, divórcio, igualdade de salários, aborto, etc.).

O patriarcado por sua vez não está resumido a designações de espaço, ele considera a sexualidade apenas do ponto de vista das relações heterossexuais. A construção de homens com essência viril, forte e poderosa, é uma forma de manter a dominação masculina sobre mulheres. Deste modo, a imposição da sexualidade juntamente com a padronização e costumes faz com que a homossexualidade seja condenada e a homofobia é incentivada. Alguns países ainda hoje condenam à prisão ou a morte as pessoas que aderem à homossexualidade e outros países simplesmente proíbem a união sexual do mesmo sexo. Entretanto o patriarcado vem perdendo espaço e novas formações familiares vem trazendo o início de igualdades entre os gêneros, a contemplação do casamento entre pessoas do mesmo sexo, assim como a adoção são grandes avanços, porém esta busca de espaço e quebra do patriarcado ainda promove uma série de violências em geral com intuito de coibir ou por puro ódio.

Portanto o maior desafio para o século XXI seria construir uma sociedade pós-patriarcal e mantê-la juntamente com a equidade de gênero e liberdades, assim promovendo uma sociedade mais justa e com baixos índices de desigualdades, o espaço e a ofertas de oportunidades seriam modos de mudança na vida de diversos indivíduos que passam por limitações sociais e financeiras, o acesso a educação, o ingresso mais facilitado a universidades fortaleceriam a nova perspectiva de sociedade. De certo modo o inicio desta nova maneira de construir uma sociedade necessitaria de incentivos políticos maiores, a ocupação dos cargos políticos por parte de mulheres, gays e etc., são válvulas de conquista por espaço, fala e direitos que nunca foram concedidos ou não cumpridos pela imposição machista.

## 8 EDUCAÇÃO FAMILIAR E REPRODUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS A CRIANÇAS

A presença dos pais na formação de crianças é de suma importância. As primeiras descobertas sobre o corpo, o espaço, o tempo e todas as demais coisas ocorrem basicamente no ambiente familiar, com isso parte do desenvolvimento é formado e sustentado pela convivência e modos familiares. Dentre os principais ensinamentos iniciais a concepção do que é certo ou errado é abordado e ensinado ao público infantil, logo a distribuição de regras e tarefas são acionadas com o intuito de desenvolver as crianças. Baseado nisso, as concepções e ideias dos orientadores passam a ser uma espécie de lei a ser seguida, embora o processo de educação seja importante no desenvolvimento da criança, há falhas que tendem a limitar o pensamento idealista dos orientados, já que a ideologia dos pais servem de exemplo ou base para a estruturação de outrem, assim independentemente do âmbito familiar e do processo de ensinamento, seja ele reprodutivo de resquícios de desigualdade de gênero e machismo ou focado na relação consciente de igualdade, ambas formas são reprodutivas, porém com efeitos divergentes.

Baseado na Literatura Gênero, sexualidade e educação da Guacira Lopes, o processo de aprendizagem é a válvula pela qual as competências, habilidades, conhecimentos, comportamento ou valores são adquiridos ou modificados, se alastrando a observação e raciocínio de cada indivíduo, logo crianças desenvolvem através da observação a forma de pensar e se comportar dentro do meio. Com as designações de espaço e tarefas entre meninos e meninas surge a desigualdade a partir do gênero, desta forma é possível notar o prestígio masculino pela margem de liberdade que lhe é concedida, assim criando o processo de limitação feminina e as possíveis reproduções machistas que estão intrínsecas até na orientação de brinquedos e atividades do cotidiano, a simples designação de carrinhos para meninos e bonecas com utensílios domésticos para meninas é só mais uma forma de demonstrar o quanto a hierarquização entre os sexos reflete na vida das pessoas, trazendo neste processo a taxatividade e invisibilidade de mulheres, que por sua vez crescem instruídas a terem um lar, atuar na ação reprodutiva e ser dependente da figura masculina.

Decorrente da estrutura de família patriarcal a inferiorização feminina refletiu em várias épocas e em várias esferas. De acordo com a G Feminista, no Brasil

mulheres só tiveram o direito ao voto após o ano de 1932, com o empecilho de não ter direitos eleitorais elas também não podiam se eleger, logo a política e os cargos de poder eram totalmente dominados pela figura masculina, além disso decorrente dessas amarras, somente a figura masculina podia ter acesso a educação e a formação, o futuro e as carreiras não eram projetadas para ambos sexos.

A partir de ações feministas no ano 1827 surgiu a primeira lei que tratava sobre a educação de mulheres, nesta tiveram direito apenas ao ensino básico, ler e escrever seria o suficiente para o governo. Em 1979 com a regulamentação e modificação das leis, o direito a educação foi estendido ao ensino superior, assim mulheres e homens obtinham o direito de ter uma formação e conseqüentemente uma profissão.

O problema entre os gêneros não é recente, é antigo e estrutural, isso justifica os problemas atuais de inferiorização de mulheres, opressão, violências e mortes, apesar da obtenção de direitos compatíveis, a inclusão e acesso a determinados espaços ainda é uma tarefa difícil, a soberania masculina ainda é e tende a estar presente nas sociedades. A concepção de papéis está ligada a limitação de gênero e a valorização do sexo biológico, agindo como determinador de espaços, a figura feminina é ligada ao papel de esposa e mãe enquanto a figura masculina obtém o poder de direção e manutenção.

Mesmo quando o ambiente é flexível quanto às possibilidades de exploração dos papéis sociais, os estereótipos podem surgir entre as próprias crianças, fruto do meio em que vivem, ou reflexo da fase em que a divisão entre meninos e meninas torna-se uma forma de se apropriar da identidade sexual (Brasil, 1999: 42).

Baseado em Guacira Lopes, por meio da forçada apropriação de identidade sexual os papéis são definidos e as reproduções continuam a se perpetuar em diversos lares, sob o processo de educação e instrução, crianças tem altos índices de manter a ideologia que lhes foi ensinada, assim os problemas sociais de desigualdade de gênero e demais mazelas são mantidas e, possivelmente, repassadas por aqueles que assumam a função de orientador. Enquanto os moldes da estrutura patriarcal estiverem presentes na sociedade os problemas existirão. Assim a base da desconstrução não partiria somente da reconstrução de uma nova estrutura familiar, mas também no reforço de políticas afirmativas que promovam a inclusão e igualdade entre os gêneros.

De forma contígua com tais medidas há a necessidade de desconstrução dos padrões ocidentalizados e da estrutura patriarcal em si, que por sua vez funciona como a base de opressão e legitimação masculina quanto as destilações de ódio e a repressão à espaços que também podem e devem ser ocupados por mulheres, logo o processo de desconstrução não se dá restritamente a um novo molde familiar, mas sim a devolução e o reconhecimento do publico feminino e conseqüentemente ao demais gêneros, visto que a forma de sociedade só tende a oprimir os que se distanciem da heteronormatividade.

Uma das conseqüências mais significativas da desconstrução dessa oposição binária reside na possibilidade que abre para que se compreendam e incluam as diferentes formas de masculinidade e feminilidade que se constituem socialmente. A concepção dos gêneros como se produzindo dentro de uma lógica dicotômica implica um pólo que se contrapõe a outro (portanto uma idéia singular de masculinidade e de feminilidade), e isso supõe ignorar ou negar todos os sujeitos sociais que não se "enquadram" em uma dessas formas. Romper a dicotomia poderá abalar o enraizado caráter heterossexual que estaria, na visão de muitos/as, presente no conceito "gênero". Na verdade, penso que o conceito só poderá manter sua utilidade teórica na medida em que incorporar esses questionamentos. Mulheres e homens, que vivem feminilidades e masculinidades de formas diversas das hegemônicas e que, portanto, muitas vezes não são representados/as ou reconhecidos/as como "verdadeiras/verdadeiros" mulheres e homens, fazem críticas a esta estrita e estreita concepção binária. (LOURO, 2003, p.34.6.ed.)

Nesse sentido a autora ressalta como importante a análise das designações de masculino e feminino, pois até nesse processo de reconhecimento há o questionamento sobre valores masculinos e femininos e assim traz convicções de que estar encaixado em uma definição significa ser predefinido com papéis, qualidades e modos, além da taxação de estética que está baseada nos valores biológicos. Portanto, visto a presença dos demais gêneros e formas de reconhecimento, os valores femininos e masculinos são elevados a tal ponto pela sociedade de modo a não estabelecer o reconhecimento de uma mulher ou um homem transexual, subalternizando-os social e existencialmente devido a suas características biológicas.

Além da perspectiva de desconstrução, é notável a necessidade dos devidos cuidados afim de proporcionar visibilidade e importância às variadas identidades de gênero, logo nesse circuito de luta a favor de direitos e segurança, diversos fatores devem ser levados em conta, visto que a questão do estereótipo abrange diversas esferas e com isso, causa impactos tão consistentes a ponto de haver a necessidade de reforço em legislações e medidas de conscientização.

## 9 A DESIGUALDADE BRASILEIRA ENTENDIDA ATRAVÉS DO GÊNERO

A desigualdade de gênero é um problema de escala mundial. A disparidade em termos de valorização entre homens e mulheres é alarmante, diante de todos os processos que inviabilizam e dificultam o acesso de mulheres a cargos e condições iguais a de homens, os progressos feministas executam a função de não só lutar pelo financeiro feminino, mas também pelas questões políticas e de direitos que proporcionem igualdade de condições e de espaços.

No Brasil, homens são majoritariamente os ocupantes das maiorias dos cargos e funções de chefia e direção, enquanto isso, mulheres são designadas a ocupar papéis com menos influência social e política, esse cenário de desigualdade e de privilégio masculino não é recente, a estrutura da nossa sociedade baseada no patriarcalismo promoveu a limitação de mulheres e conseqüentemente das diversas identidades de gênero, que por sua vez sofrem influência direta no convívio social.

Segundo a revista *Época Globo*, foi realizado um ranking sobre a presença feminina no parlamento, executado pelo **Projeto Mulheres Inspiradoras** que utiliza dados do Banco Mundial, coloca o Brasil na 115ª posição entre 138 países e indica que 95,8% das mulheres que se candidataram em 2014 e 2016 não foram eleitas.

Segundo levantamento feito pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) referente aos anos de 2015 e 2016, começando pela análise da taxa de frequência média no ensino médio é dez pontos percentuais mais alta entre mulheres do que entre homens. Elas também têm maior proporção de formadas no ensino superior: 23,5% entre as brancas e 10,4% entre as negras. Do total de homens e mulheres, em geral elas trabalham 18,1 horas por semana em afazeres domésticos e eles, 10,5. Desta forma, mesmo com o esforço maior em relação a funções de trabalho e inclusão e formação educacional, as mulheres ainda recebem salários inferiores ao dos homens, boa parte ocupam o mesmo cargo, exercem a mesma função e tem jornada de trabalho igual, porém com salários desiguais, baseado na valorização como o homem como o único sujeito a desempenhar determinadas funções com efetividade e qualidade.

Devido a toda a estruturação da sociedade e da hegemonia masculina, os debates e estudos feministas passaram a ser mais constantes. A representação de mulheres em avanço para a inclusão de políticas públicas favoráveis e observação de

direitos não concedidos, proporciona uma quebra nas regras já predefinidas a cada gênero. A resistência feminina atua como uma arma conjuntamente com a problematização de estudiosos que também buscam compreender as formas de opressões e silenciamento feminino.

Os Estudos Feministas estiveram sempre centralmente preocupados com as relações de poder. Como já foi salientado, inicialmente esses estudos procuraram demonstrar as formas de silenciamento, submetimento e opressão das mulheres. A exposição dessas situações parece ter sido indispensável para que se visibilizasse aquelas que, histórica e lingüisticamente, haviam sido negadas ou secundarizadas. Mas se a denúncia foi imprescindível, ela também permitiu, algumas vezes, que se cristalizasse uma vitimização feminina ou, em outros momentos, que se culpasse a mulher por sua condição social hierarquicamente subordinada. De qualquer modo, a concepção que atravessou grande parte dos Estudos Feministas foi (e talvez ainda seja) a de um homem dominante versus uma mulher dominada — como se essa fosse uma fórmula única, fixa e permanente. (LOURO, 2003, p.37.6.ed.)

A invisibilidade de mulheres e boicote ao mundo social não é a única calamidade presente na sociedade, o índice de violência física, moral e assédio crescem assustadoramente, e o importante a ser analisada é que mesmo mulheres tendo amparo das leis como uma fonte de proteção mais segura, a dominação masculina ainda se perpetua por conta de toda estruturação da sociedade, mas também pela fragilidade que as leis exprimem quanto a levar a sério a vida de mulheres, ou seja, o objetivo geral seria proteger, promover a visibilidade destas e dar um poder de fala, o que é cumprido teoricamente, pois na prática o cenário de vulnerabilidade ainda é o mesmo.

Por ora o patriarcalismo difere-se do machismo porque este é um tipo de comportamento em que a desigualdade entre direitos e deveres é elevada a ponto de enaltecer o homem em detrimento da mulher. Diversos movimentos sociais e políticos pregam a necessidade de se desconstruir a chamada cultura patriarcal e, para isso, discute-se o modelo ideológico, bem como o contexto da família frente ao patriarcado e relações de gênero na estrutura social com o intuito de promover a igualdade e o fim da opressão.

Partindo da perspectiva e abordagem da desigualdade de gênero é necessário articular sobre as seguintes formas:

- **Plano sociocultural:** desde esta perspectiva, o gênero é um sistema de organização social que outorga maior poder e privilégios aos homens, e que se apoia em uma série de crenças que legitimam e mantêm esta estrutura social. Os valores, costumes, tradições e estereótipos junto às leis de um país regem o modelo de organização social.
- **Plano relacional:** o gênero é um processo dinâmico de representação; uma representação do que significa ser mulher ou homem em situações cotidianas, o que, por sua vez, influencia a forma como se comportam homens e mulheres e como são tratados.
- **Plano pessoal:** neste nível, o gênero é um aspecto que também influencia a identidade e as atitudes pessoais. Seria o conjunto de expectativas, interesses, fantasias e crenças que estão associadas a modelos mais ou menos aceitáveis do que significa ser um homem masculino ou uma mulher feminina em uma cultura específica.

À vista disso, é possível notar que a mulher não é beneficiada em nenhum destes planos, são diferentes em esferas e modos, mas contém o mesmo sentido de imposição, coibição e designação a partir do gênero, assim os principais efeitos podem ser notados nas margens de liberdades que são dadas a ambos sexos.

Dentre os múltiplos espaços e as muitas instâncias onde se pode observar a instituição das distinções e das desigualdades, a linguagem é, seguramente, o campo mais eficaz e persistente — tanto porque ela atravessa e constitui a maioria de nossas práticas, como porque ela nos parece, quase sempre, muito "natural". Seguindo regras definidas por gramáticas e dicionários, sem questionar o uso que fazemos de expressões consagradas, supomos que ela é, apenas, um eficiente veículo de comunicação. No entanto, a linguagem não apenas expressa relações, poderes, lugares, ela os institui; ela não apenas veicula, mas produz e pretende fixar diferenças. (LOURO, 2003, p.65.6. ed)

Enquanto as relações de poder forem concentradas e construídas visando a prevalência de um único ser como uma forma natural, não será possível compreender e erradicar os problemas com a desigualdade de gênero no Brasil, além dos fatores legislativos é necessário partir da análise de valores morais que a sociedade nos apresenta juntamente com as suas ações tradicionais de ocultamento feminino e enaltecimento masculino.

## 10 METODOLOGIA

No seguinte projeto busca-se para o desenvolvimento e progressão da pesquisa ter como base bibliografias, artigos e informações gerais em sites, além da experiência na jornada acadêmica, assim podendo realizar a extração dos principais conceitos de forma clara e precisa.

Como projeto futuro e obtenção de metas, busco entrevistar os orientadores das crianças, por meio de questionário, visando entender como há a variação de ensinamentos em cada lar, assim podendo compreender a dinâmica e as regras estabelecidas e como elas podem interferir ou ajudar na formação crítica de crianças. Por conseguinte, como complemento a pesquisa, será efetuada uma pesquisa de campo direcionada ao mercado de trabalho, a fim de realizar o levantamento de dados relacionados ao gênero e ocupação de postos de trabalho.

## 11 CRONOGRAMA

### 11.1 EXECUÇÃO DO PROJETO DE PESQUISA

<b>Período 2017.2 a 2019.1</b>	<b>2017.2</b>	<b>2018.1</b>	<b>2018.2</b>	<b>2019.1</b>
<b>Pesquisa bibliográfica inicial</b>				
<b>Revisão e análise de literatura</b>				
<b>Leitura, elaboração de esquemas e resumos</b>				
<b>Construção do projeto de pesquisa</b>				
<b>Entrega do projeto final</b>				

## 11.2 EXECUÇÃO DA PESQUISA

<b>Período 2019 a 2021</b>	<b>2019</b>		<b>2020</b>		<b>2021</b>	
<b>Meses</b>	<b>Fev-Jun</b>	<b>Jul-Dez</b>	<b>Fev-Jun</b>	<b>Jul-Dez</b>	<b>Fev-Jun</b>	<b>Jun-Dez</b>
<b>Consulta Bibliográfica</b>						
<b>Coleta de Dados no Campo</b>						
<b>Análise de Dados</b>						
<b>Redação da primeira versão da pesquisa</b>						
<b>Defesa</b>						

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a educação infantil/Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF, 1998, volume II.

COOK, Rebecca e CUSACK, Simone. Gender Stereotyping: Transnational Legal Perspectives. Filadélfia, University of Pennsylvania Press, 2009.

BUTLER, Judith P. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade/ Judith Butler; tradução, Renata Aguiar. -Rio de janeiro: Civilização Brasileira, 2003. Dicionário Crítico do feminismo/ HELENA HIRATA [et al.]. - São Paulo: Editora UNES, 2009. 342p.

DRUMONT, Mary Pimentel. Elementos para uma análise do machismo. Perspectivas: Revista de Ciências Sociais, v. 3, 1980.

FELIPE, Jane. Sexualidade nos livros infantis: relações de gênero e outras implicações. In: MEYER, Dagmar (org.). Saúde e sexualidade na escola. Porto Alegre: Mediação, 1998.

FOUCAULT, M. História da sexualidade II: o uso dos prazeres. Rio de janeiro: Graal, 1992.

LOURO, Guacira Lopes Gênero, sexualidade e educação. Guacira Lopes Louro - Petrópolis, RJ Uma perspectiva pós-estruturalista /: Vozes, 1997.

MIRA, Maria Celeste. O masculino e o feminino nas narrativas da cultura de massas ou o deslocamento do olhar. Cadernos Pagu, v. 21, p. 13-38, 2003.

MURARO, Rose Marie. Sexualidade da mulher brasileira. Corpo e Classe social no Brasil. Rio de Janeiro: Vozes, 1983.

O que são as ondas do feminismo? Disponível em: <https://medium.com/gg-feminista/o-que-s%C3%A3o-as-ondas-do-feminismo-eeed092dae3a>

Participação feminina no parlamento está abaixo da média: Disponível em: <https://epoca.globo.com/politica/expresso/noticia/2017/03/participacao-feminina-no-parlamento-brasileiro-esta-abaixo-da-media-mundial-de-1990.html>

RUBIN, Gayle, Reflexionando sobre el sexo: notas para uma teoria radical de la sexualidade, In: VANCE, Carole. Placer y peligro: explorando la sexualidade feminina. Madri. Revolución, 1989.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade, n. 20(2):71-100, 1995.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade: que queremos dizer quando falamos sobre corpo e sexualidade? In: LOURO, Guacira (org.). Pedagogias da sexualidade. Porto Alegre: Contra-Bando (no prelo).